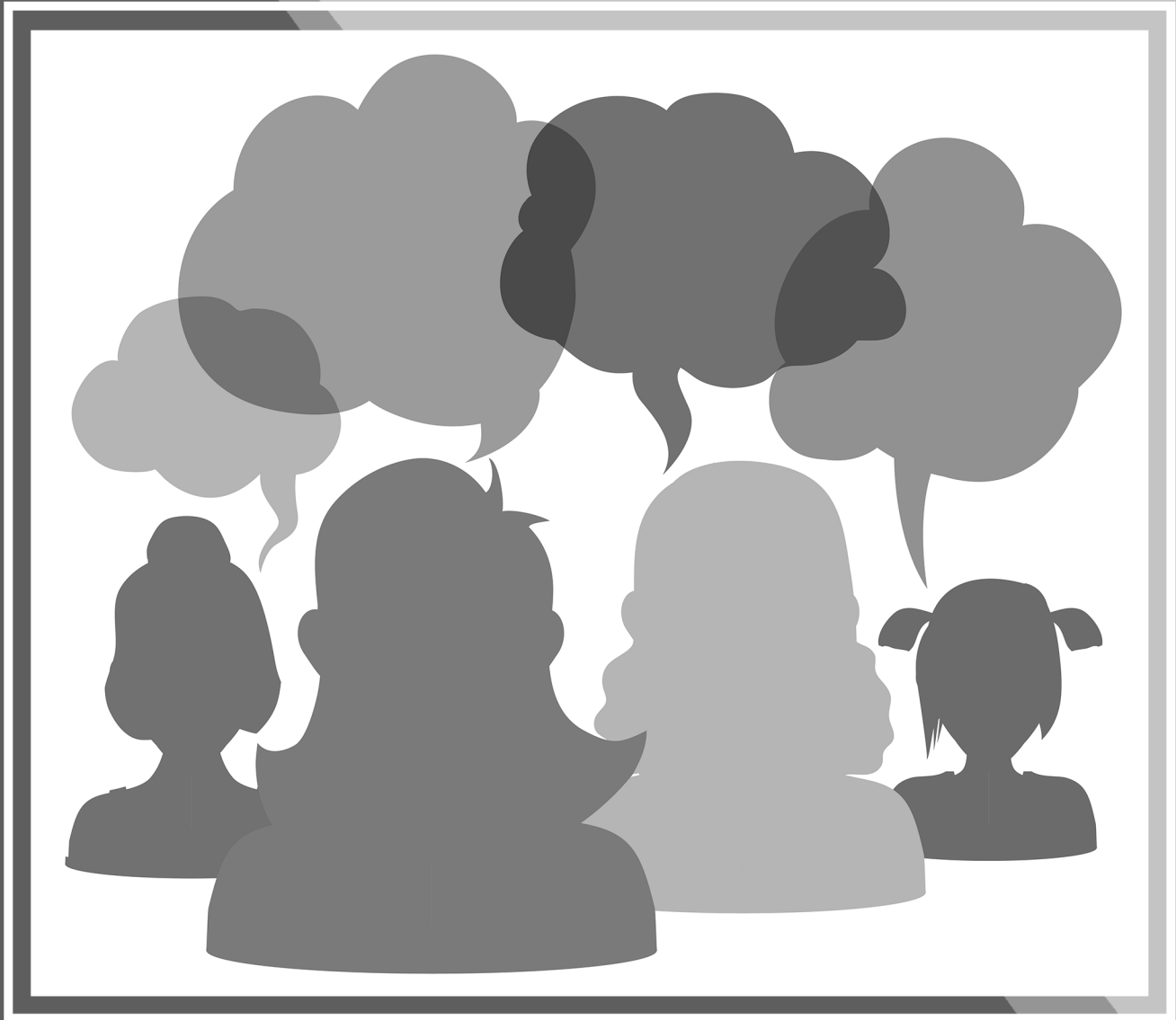


# História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior  
Ana Paula Dutra Bôscarro  
(Organizadores)

# História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior  
Ana Paula Dutra Bôscarro  
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 2 /  
 Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra  
 Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-01-6

DOI 10.22533/at.ed.016201102

1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.  
 I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra.

CDD 907.2

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O campo da História é repleto de possibilidades ou, como sugere o título deste livro, um espaço fecundo para diálogos. Neste sentido, são possíveis análises cronológicas, quantitativas, qualitativas, biográficas, transnacionais e interdisciplinares que permeiam outras variáveis como econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, por exemplo. Assim, o chamado para se refletir sobre a História é um chamado para se pensar a atuação do ser humano no planeta, em suas diferentes épocas, seus diferentes contextos e em suas diferentes abordagens.

A História, como ciência, é dotada de métodos que são empregados por seus pesquisadores e pesquisadoras para, a partir de questões que são colocadas, verificar suas teses em fontes pertinentes ao tema analisado. O que o leitor encontrará neste volume são textos que foram selecionados para composição do livro a partir de um eixo que prioriza a reflexão a respeito da Educação, da Religião e do Patrimônio. Os 30 capítulos são frutos de estudos que foram desenvolvidos por profissionais de diversas instituições do país.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas acerca da Educação. De modo que, internamente, esses textos permeiam debates em torno de questões étnicas na Educação, aspectos do ensino básico e do ensino universitário.

Na segunda parte da obra estão reunidas análises históricas situadas no campo das religiões. Assim sendo, os respectivos capítulos concentram análises que retomam aspectos religioso desde a Idade Média até os dias atuais, além de refletir sobre questões de gênero no campo religioso e trajetórias pessoais.

Por fim, a terceira parte do livro é composta por análises históricas no campo do Patrimônio. De tal forma abrangente que parte da antiguidade egípcia até a música contemporânea. Seus textos discutem outros temas como folclore, teatro e quilombos.

Em síntese, a obra *História: espaço fecundo para diálogos* é uma constatação ao leitor das inúmeras possibilidades das pesquisas históricas, apresentando resultados de investigações que são notadamente importantes para o conhecimento da sociedade. Ademais, é de suma importância a divulgação científica do trabalho do Historiador/Historiadora, que constrói pontes para uma sociedade mais justa e consciente.

Antonio Gasparetto Júnior  
Ana Paula Dutra Bôscaro

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| NEGRITUDE E MEMÓRIAS APAGADAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE UMA CIDADE MINEIRA (1976-2016)  |           |
| Maria Rita de Jesus Barbosa  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011021</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>14</b> |
| EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA PROPOSTA DE VISIBILIZAR A LEI 10.639/2003 E DECOLONIZAR O CURRÍCULO NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL MIGUEL ARCANJO, EM SÃO SEBASTIÃO – DISTRITO FEDERAL |           |
| Técia Goulart de Souza<br>Elison Antonio Paim  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011022</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>24</b> |
| ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA  |           |
| Arcângelo da Silva Ferreira  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011023</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>37</b> |
| HISTÓRIA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HÁ LUGAR PARA TEMPORALIDADES OUTRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA?   |           |
| Edith Adriana Oliveira do Nascimento   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011024</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>53</b> |
| PAULO BOURROUL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX  |           |
| Matheus Luiz de Souza Céfalo   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011025</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>69</b> |
| EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEI FEDERAL Nº 10.639/03: INDIFERENÇA A SER SUPERADA  |           |
| Carla Santos Pinheiro<br>Lauro de Freitas/Bahia  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011026</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....  | <b>80</b> |
| EDUCAÇÃO PATRIMONIAL POR MEIO DA ILUMINAÇÃO SEMAFÓRICA DE BELO HORIZONTE: “PROJETO CIDADE REVELADA - INTERPRETAÇÃO E SINALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL”                               |           |
| Ana Carolina Pereira   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011027</b>   |           |

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....  | <b>91</b>  |
| PATRIMÔNIO CULTURAL E A HISTÓRIA LOCAL: UMA PESQUISA DO PROFHISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA  |            |
| Antônia Lucivânia da Silva<br>Paula Cristiane de Lyra Santos   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011028</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....  | <b>106</b> |
| CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS  |            |
| Carollina Carvalho Ramos de Lima   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0162011029</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....   | <b>118</b> |
| IMAGENS EM SALA DE AULA: O USO DE PINTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL                       |            |
| Priscila Santos Calegari   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110210</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....   | <b>131</b> |
| CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO   |            |
| Gerson Luiz Buczenko   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110211</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....   | <b>141</b> |
| ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA |            |
| Nádia Narcisa de Brito Santos  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110212</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....   | <b>154</b> |
| ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”   |            |
| Aurea Maria Bezerra Machado  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110213</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....   | <b>165</b> |
| O (AUTO) BIOGRÁFICO NO PROCESSO FORMATIVO: DOCÊNCIA ORIENTADA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO                              |            |
| Fabiana Regina da Silva<br>Cristiane Medianeira da Silva Reis  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110214</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....   | <b>180</b> |
| A MISSÃO DAS UNIVERSIDADES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS DE ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA                  |            |
| Alexandre de Britto Redondo  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110215</b>  |            |



|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....   | <b>194</b> |
| UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS:<br>COTAS PARA ESTUDANTES NEGROS                      |            |
| Josefa Neves Rodrigues   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110216</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....   | <b>208</b> |
| SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA<br>PR  |            |
| Jonathas Wilson Michelin<br>Angelita Marques Visalli   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110217</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....   | <b>221</b> |
| A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551-<br>1761)  |            |
| Lucas de Almeida Semeão  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110218</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....   | <b>233</b> |
| AS HAGIOGRAFIAS SEISCENTISTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA: PROJETOS<br>POLÍTICOS E IDENTIDADES RELIGIOSAS EM CONCORRÊNCIA      |            |
| Camila Corrêa e Silva de Freitas   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110219</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 20</b> .....   | <b>246</b> |
| O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIAS<br>MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO          |            |
| Luciana de Fátima Marinho Evangelista  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110220</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 21</b> .....   | <b>258</b> |
| A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS   |            |
| Elisângela Maciel  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110221</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 22</b> .....   | <b>271</b> |
| O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS<br>EM PORTUGAL   |            |
| Tatiane de Jesus Chates  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110222</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 23</b> .....   | <b>284</b> |
| O DISCURSO PROTESTANTE PENTECOSTAL DA BÍBLIA DA MULHER ACERCA<br>DA CONDIÇÃO FEMININA VERSUS O DISCURSO ORAL DAS FIEIS |            |
| José Glauber Lemos Diniz<br>Daniele Barbosa Bezerra  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110223</b>  |            |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 24</b> .....  | <b>298</b> |
| ARCEBISPO DA PARAÍBA DOM JOSÉ MARIA PIRES: RELIGIÃO E POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1965-1985                                 |            |
| Naiara Ferraz Bandeira Alves  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110224</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 25</b> .....  | <b>308</b> |
| PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A MA'AT N'AS LAMENTAÇÕES DE KHA-KHEPER-RÉ-SENEB                        |            |
| Victor Braga Gurgel   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110225</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 26</b> .....  | <b>321</b> |
| APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO DA EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE FOLCLORE NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO O CASO DE SILVIO ROMERO |            |
| Manoel Carlos Fonseca de Alencar  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110226</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 27</b> .....  | <b>330</b> |
| NICOLAU ALEKHINE NO ARQUIVO IPHAN-SP: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA   |            |
| Rafael de Araújo Oliveira   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110227</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 28</b> .....  | <b>340</b> |
| COMPANHIA TEATRO MODERNO DE LISBOA (TML): ENGAJAMENTO, RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL NOS ANOS 1960                       |            |
| Kátia Rodrigues Paranhos  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110228</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 29</b> .....  | <b>351</b> |
| ACAMPAMENTO E CULTURA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES – RJ (1997-2015)                        |            |
| Elson dos Santos Gomes Junior   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110229</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 30</b> .....  | <b>363</b> |
| O RAP INTERCULTURAL CONSTRUINDO UMA REPRESENTAÇÃO HÍBRIDA DA CIDADE DE MANAUS (1989 A 1999)                               |            |
| Richardson Adriano de Souza   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.01620110230</b>   |            |
| <b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....   | <b>376</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....   | <b>377</b> |

## A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS

*Data de aceite: 27/01/2020*

### **Elisângela Maciel**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

CV: <http://lattes.cnpq.br/2206154142075542>

**RESUMO:** O século XIX representou a fase de maior turbulência na história da Igreja Católica, o conflito com a modernidade desencadeou conflito inevitável, que rejeitava a antiga tradição. A Igreja se ergue em defesa de sua sobrevivência, tendo por base o projeto romanizador, intensificado no papado de Pio IX (1846-1878), que no Brasil encontrou ressonância entre os Bispos, como Dom Antônio de Macedo Costa, que administrava o Amazonas. Um dos principais eixos dessa fase do Catolicismo consistiu na reformulação das devoções, revendo desvios e centrando na devoção ao Sagrado Coração, na Eucaristia, e nos Dogmas, com destaque para os marianos. Maria se tornou o grande meio de difusão e consolidação do Catolicismo. As novas associações não são mais de leigos e sim para leigos, com disciplina e religiosidade reforçada, como a Pia União das Filhas de Maria. Na Diocese de Manaus sua fundação, em 1913, por Dom Frederico Costa, era fruto da devoção à sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição,

e da preocupação com a moral e os bons costumes. As moças se apresentaram dispostas a fortalecer a devoção a Maria, afastando o que era considerado pernicioso, em sintonia com as diretrizes da devoção romanizada, aqui centrada no modelo de Maria Imaculada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja Católica; Romanização; Diocese de Manaus; Pia União das Filhas de Maria.

### THE PIA UNION PIA OF MARY DAUGHTERS IN THE DIOCESE OF MANAUS

**ABSTRACT:** The nineteenth century represented the most turbulent phase in the history of the Catholic Church, the conflict with modernity unleashing an inevitable conflict, that rejected the old tradition. The Church stands in defense of your survival, based on the romanizing project, intensified in the papacy of Pio IX (1846-1878), which in Brazil found resonance among the Bishops, such as Dom Antonio de Macedo Costa, who administered the Amazon. One of the main axes of this phase of Catholicism was the reformulation of devotions, reviewing deviations and focusing on devotion to the Sacred Heart, the Eucharist, and the Dogmas, especially the Marians. Mary became the great means of diffusion and consolidation of Catholicism. The new associations are no longer of lay people, but for lay people, with

discipline and religiosity reinforced, such as the Union Pia of Mary Daughters. In the Diocese of Manaus, your foundation in 1913 by Monsignor Frederico Costa was the result of devotion to its patron saint, Our Lady of Conception, and the concern with moral and good customs. The girls were willing to strengthen their devotion to Mary, removing what was considered pernicious, in line with the guidelines of Romanized devotion, centered here on the model of Mary Immaculate.

**KEYWORDS:** Catholic Church; Romanization; Diocese of Manaus; The Union Pia of Mary Daughters.

## 1 | IMACULADA

As devoções à Maria se iniciaram ainda na Antiguidade, mas foi na Baixa Idade Média quando se buscou com mais força a humanidade de Jesus e que com ela veio junto a exaltação à sua Mãe. Um complexo debate foi travado em torno do dogma da Imaculada Conceição pela teologia medieval, mas foi somente em 1854 que se chegou à formulação dogmática “através de um longo e acidentado caminho, no qual se entrevê a importância que desempenha na vida eclesial o chamado *sensus fidelium*” (TEMPORELLI, 2010, p. 137).

O *sensus fidelium* diz respeito ao senso comum em relação à verdade de fé que o magistério ainda não se posicionou oficialmente, portanto a devoção à Imaculada já era fruto de experiências dos fiéis em diversas localidades, muito antes da promulgação do dogma e mesmo antes das discussões filosóficas e teológicas. Dois dogmas marianos já haviam sido formulados na Antiguidade, o *Theotokos* no Concílio de Éfeso em 431 e o da Virgindade de Maria no Concílio de Calcedônia em 451. Chegara a vez do terceiro.

Como o debate sobre a Imaculada Conceição se estendeu por muitos séculos e sempre cheio de controvérsias, destacarei apenas aqueles que foram delineando, preparando o caminho para o dogma. Santo Agostinho definiu Maria como uma grande exceção do pecado original. Pascásio Radberto, no século VIII, afirma que a concepção da Virgem Maria, a isenta do pecado original, com ela se retira a maldição de Eva e a benção foi transmitida a todos (2010, p.145-146). A partir do século IX, a festa da Imaculada foi trazida para o Ocidente por monges fugidos da perseguição iconoclasta. A festa foi se espalhando pela Europa com crescente devoção, e no século XIII, após hesitação, Roma consagrou o 8 de dezembro dia da Imaculada Conceição.

Anselmo, o jovem, se definiu como todo dedicado ao serviço da Mãe de Deus, difundindo histórias de milagres e estimulando a oração da Ave-Maria, no século XII. Para Pedro Lombardo, Maria fora concebida em pecado original e purificada antes de nascer. No século XIII, Tomás de Aquino e Boaventura seguem essa direção,

da purificação no primeiro instante. Foi o franciscano Duns Scotto que atribuiu a Maria a condição de pré-redenção, pois ela “fora preservada do pecado desde o momento de sua concepção até a redenção na cruz, quando ela tal como toda a raça humana, foi salva” (2010, p. 154). Dessa forma, por seu Filho, o perfeito redentor, Maria de torna a perfeita redimida, preservada do pecado original (2010, p. 154). O magistério vai aos poucos confirmando e caminhando para o dogma: Sixto IV (1484) instituiu um ofício expressando o privilégio de Maria, louvando a festa da Imaculada Conceição, em 1476; o Concílio de Trento (1545-1563), sem oficializar o dogma, afirma que a Virgem foi isenta do pecado durante toda a sua vida, não incluindo-a no pecado original. O culto foi universalizado por Clemente XI, em 1708.

Ao adentrar o século XIX, é perceptível o aumento da devoção à Maria, reforçada pela Aparição da Medalha Milagrosa a Catarina Labouré, em 1830. Desde o papado de Gregório XVI (1830-1846) muitos pedidos pelo dogma chegavam a Roma. Diante da continuidade da solicitação Pio IX (1846-1878), estabelece uma comissão em 1848, composta por teólogos e cardeais para os esclarecimentos necessários sobre a prática devocional e a realidade eclesial. No ano seguinte a encíclica *Ubi Primum Nullis*, solicita confirmação dos bispos, com análise do clero e do povo de suas dioceses, sobre os sentimentos acerca da Virgem Imaculada. A bula inicia falando que Deus escolheu a Mãe de seu Filho desde o início dos tempos “absolutamente livre de qualquer mancha do pecado, toda bela e perfeita, possui tal plenitude de inocência e de santidade, que, depois de Deus, não é possível pensar maior, e de quem, excetuando Deus, nenhuma mente consegue compreender a profundidade” (PIO IX, 1849, p. 168). 546, de 603 bispos, foram a favor da definição dogmática.

Assim, a 8 de dezembro de 1854, por meio da Bula *Ineffabilis Deus*, foi pronunciado o dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria. Por mérito de seu Filho, Jesus Cristo, Maria foi portadora da graça santificante, de forma plena, desde o primeiro instante, sendo “concebida imaculada por sua estreita vinculação com seu Filho” (TEMPORELLI, 2010, p.159). Para entender a profundidade do dogma, segue um trecho da Bula:

Reafirmamos nossa viva esperança na beatíssima Mãe, que, toda bela e imaculada, esmagou a cabeça venenosa da cruelíssima serpente, e trouxe a salvação ao mundo; naquela que é a glória dos profetas e dos apóstolos, honra dos mártires, alegria e coroa de todos os santos; seguríssimo refúgio e fidelíssima ajuda contra todos os perigos; potentíssima mediadora e reconciliadora de todo o mundo junto a seu Filho unigênito; fulgidíssima beleza e ornamento da Igreja e sua segura defesa. Reafirmamos nossa esperança naquela que sempre destruiu todas as heresias, salvou os povos fiéis de gravíssimos males de todo gênero, e nos libertou de tantos perigos que nos ameaçavam. Confiamos que ela queira, com sua validíssima proteção, fazer com que nossa santa mãe, a Igreja católica, superadas todas as dificuldades e erradicados todos os erros, prospere e floresça cada dia mais junto a todos os povos e em todos os lugares, de um mar a outro, e de um rio até os confins da terra, havendo paz, tranquilidade e liberdade completa (PIO IX, 1854, p 187). (grifos meus)

A promulgação do dogma, além de se configurar uma verdade teológica que sela as controvérsias, foi considerado confirmado pelo céu, se concretizando num contexto turbulento da história da Igreja, que, dessa forma, marca sua posição diante do mundo moderno que a confrontou com o racionalismo e a laicidade. Pio IX enfrenta-o, colocando Maria como a defensora da Igreja, que esmagará os males trazidos pela nova época, que triunfará sobre todos os erros e conduzirá à paz. Os grifos destacam a importância do dogma para o processo de romanização, ela é o grande símbolo diante das vicissitudes, nela se confia em tempos conflituosos. O dogma é providencial diante das incertezas que rondam a Igreja, e vem também do “amadurecimento da doutrina e do reconhecimento eclesiástico da força vital de Maria como Mãe de Deus e que estende seu amor materno a todos que a ela recorrem” (MACIEL, 2014, p.220). Portanto, a Imaculada Conceição passa a ser um dos principais pilares no projeto da romanização, bem expresso por Jaroslav Pelikan:

Há boas razões para se acreditar que nem a defesa intelectual da relação cristã pela iniciativa da teologia católica romana do século XIX, inclusive o renascimento da filosofia tomística, nem a defesa política da Igreja institucional e de suas prerrogativas contra o anticlericalismo da época tenham se mostrado tão eficazes, particularmente entre as pessoas comuns, como a campanha empreendida em favor da Virgem Maria (2000, p. 248).

De acordo com Afonso Murad, o dogma da Imaculada Conceição deve ser entendido como gratuidade de Deus, no horizonte da teologia da Graça, que realiza o projeto salvífico de Deus. Maria é Imaculada, mas continua humana, trilhando o caminho da fé, como mãe e como discipula, experimentando a conversão cotidianamente, “não do mal para o bem, mas do bem para um bem maior” (2012, p.173), realizando a “utopia da nova humanidade, do ser humano que cresce na fé, na esperança e no amor, sem amarras” (2012, p.174).

Maria se tornou, sem dúvida, o grande meio de difusão e consolidação do Catolicismo, assumindo as feições culturais das diversas localidades onde a fé católica foi disseminada. No Brasil “a pluralidade cultural passou a apresentar uma diversidade de devoções que criaram respeito e a imensa necessidade da intercessão da Mãe, Maria, levando a buscá-la com intensidade e com intimidade peculiar que os povos da América arvoram ter com Nossa Senhora” (MACIEL, 2014, p.221). Para Dilermando Vieira, o culto à Virgem Maria sintetizou, em grande medida, a piedade negra e parda, “pois foi a partir das Nossas Senhoras madrinhas dos meninos que se criaram as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas desta com a família e a cultura circundante, o que se estendia por outras etapas da vida” (2007, p.43).

É nessa lógica que se enraíza as práticas devocionais das Filhas de Maria, que se colocam como filhas obedientes, mas também em sintonia com a humanidade de Maria e em busca das virtudes provenientes da Virgem. Havia o desejo ardente de



se conectar com Maria. Ela “passara a ser, também, a Mãe de toda a humanidade, papel essencial na redenção, pois ela era a nova Eva, a nova mãe, o instrumento na renovação da obra da criação” (MACIEL, 2014, p.215). as Filhas de Maria trazem para si a responsabilidade de fazer concretizar no mundo a devoção mariana que leva a uma verdadeira prática cristã, pois é a Mãe que conduz ao Filho.

## 2 | A DEVOÇÃO DAS FILHAS DE MARIA

A devoção a Maria remonta à Antiguidade, mas foi nos séculos XI e XII, segundo Jacques Le Goff que ela atingiu a plenitude, se tornando crescente desde então, expressa em: sermões, cânticos, liturgias, obras de arte, imagens, narrações de milagres, teatro. Com destaque para a redação da Ave Maria. Nesse contexto, as noções teológicas, não dogmatizadas, mas já institucionalizadas, da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria, se tornaram alvo de calorosos debates (2005, p.203).

As confrarias passaram a se multiplicar, entre elas as dedicadas à Maria, sinal da crescente devoção. Entre elas destaca-se a fundada pelo cônego Pedro de Honestis, no século XII, dos Filhos e Filhas de Maria, composta por religiosos e leigos. Seus membros portavam uma medalha e uma faixa azul na cintura. A partir do Concílio de Trento (1545-1563), houve a crescente preocupação com as práticas cristãs, especialmente com as virtudes e a castidade, procurando levar as decisões conciliares para mais próximo dos fiéis, para que pudessem exercitar a vivência sacramental. Diante das tensões e conflitos do século XVI, a Virgem Maria aparece como a protetora do mundo católico.

Seguindo o modelo criado por Pedro de Honestis, na França surge a Congregação da Virgem Imaculada, criada pelo cônego Pedro Fourier, com o objetivo de atrair jovens devotas. Suas integrantes usavam um escapulário de cor celeste, que trazia de um lado a imagem da Imaculada Conceição e do outro a inscrição *Maria concebida sem pecado*. Em 1830 Catarina Labouré passou a fazer parte das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. Data dessa época também as aparições da Virgem, descritas por ela. A Virgem lhe pediu que fosse cunhada uma medalha, com as mensagens da aparição, o que foi feito em 1832. Catarina fundou a Associação das Filhas de Maria, em 1837, a pedido da Virgem, voltada para mulheres religiosas. As Filhas de Maria usavam uma fita azul no pescoço com a medalha milagrosa, cuja inscrição agora trazia *Oh Maria concebida sem pecado rogai por nós que recorremos a vós*. De acordo com o manual, as moças devem, principalmente: louvar Maria; buscar a santificação pessoal; e manter o apostolado (BRION, 2009, p.11).

Com a definição dogmática da Imaculada Conceição, além de reforço a devoção

mariana, e especialmente a ligada diretamente ao dogma, como é o caso das Filhas de Maria ganham respaldo, pois estão conectadas pela fé e pela busca de vida virtuosa à exemplo da Virgem. “A Bula *Ineffabilis Deus* faculta a todas as províncias e reinos a escolha da Imaculada Conceição como padroeira e a criação de confrarias e congregações devotadas a ela, assim como outros tipos de tributos em sua honra. Ao mesmo tempo determina punições aos que não sigam os preceitos do dogma e não cumpram os festejos adequados em seu dia” (MACIEL, 2014, p. 218).

No ano de 1864, em Roma, o padre Alberto Passéri fundou, no estilo da associação francesa, a Pia União das Filhas de Maria. Protegidas pela Virgem as moças cristãs tinham a finalidade de combater os malefícios do mundo observando os costumes cristãos, visando aumentar a devoção à Virgem, se colocando como protagonistas de sua missão perante Deus, difundindo amor, virtude e piedade. Em 1864 a Pia União das Filhas de Maria foi ereta canonicamente, sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inês, virgem e mártir. Dois anos depois, Pio IX lhe concedeu a honra de Confraria Primária, passando a agregar todas as associações de Filhas de Maria. Receberam indulgências e privilégios de Pio IX, em 1866. O Papa Leão XIII (1878-1903) tornou Passéri diretor geral de todas as congregações de Filhas de Maria.

### 3 | A ROMANIZAÇÃO E A MULHER

O processo de romanização buscou padronizar o laicato, utilizando mecanismos como o ensino e a criação de associações leigas que se revestissem da piedade católica como salvaguardando-a e difundindo no seio da sociedade os valores cristãos, lutando, assim, contra os malefícios trazidos pelo mundo moderno.

com a romanização, muitas devoções foram substituídas pelo clero e no lugar das antigas irmandades surgem novas organizações leigas como o Apostolado da Oração, a Pia União das Filhas de Maria; mas a diferença radical entre essas novas associações e as irmandades é a posição nelas ocupada pelos leigos. As novas são associações para leigos, e não associações de leigos, e estão sob o controle do clero (RIBEIRO, 1991, p.105).

A romanização coloca a mulher como esteio da família, o que não é novidade, mas há um reforço do papel feminino com maior cobrança sobre o seu lugar na estrutura familiar. Para Dom Macedo Costa, nas mulheres reside a moralidade. Na Igreja católica, apesar da visão tradicional, as mulheres encontraram mais espaço de atuação diante da modernidade, afirma Heloisa Costa, elas se inserem na vida “comunitária e participação nas irmandades, missas, procissões e festas religiosas” (COSTA, 2005, p. 133), com as quais vão se identificando.

O envolvimento das mulheres nas atividades da Igreja foi crescendo, e em



Manaus não foi diferente. Elas assumem o protagonismo de várias associações, firmando posição em defesa dos valores cristãos. Aí se enquadram as Filhas de Maria, que assumiram esse papel, interiorizando a experiência devocional e externalizando em práticas pastorais e sociais o que era ser uma cristã no mundo. Por isso, em meio a várias associações femininas encontradas na Diocese de Manaus, escolhi analisar a Pia União das Filhas de Maria por acreditar que elas expressam bem o fervor devocional esperado pela romanização.

Com a aprovação de um movimento com esse perfil, a Igreja abre espaço para um tipo de protagonismo feminino, que possibilita segundo Lucelia Andrade, a arregimentação de “grande número de fiéis empenhadas em defender as demandas católicas frente ao Estado brasileiro” (2018, p. 2). A Pia União foi organizada de acordo com o projeto romanizador, sendo conduzida por sacerdote com funções de diretor espiritual, que também garantia o controle da associação nos moldes exigidos.

#### 4 | PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA EM MANAUS

A Diocese de Manaus já nasceu romanizada, sua criação se deu em 1892 pela Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, do Papa Leão XIII que anunciava a criação de quatro novas dioceses para o Brasil. Assim, diferente do temor sentido pelos Bispos diante da chegada da República, a Bula anunciava o início da liberdade religiosa que a Igreja Católica experimentaria em terras brasileiras dali para frente. Por isso, a nossa Diocese nasce inserida no projeto romanizador, iniciado no Concílio de Trento, se estabelecendo de forma continuada, e por vezes, travando confrontos socioculturais e políticos. Nesses tempos de conflito, a experiência com o sagrado se apresenta a partir da devoção sacramental, ao Sagrado Coração e à Imaculada Virgem Maria.

Para Ângelo Brelich, a religião leva: “à dimensão do homem aquilo que é humanamente incontrolável, revestindo-o de valores humanos, atribuindo-lhe um significado que o justifique e, com isso, tornar aceitáveis e possíveis os esforços indispensáveis à existência” (FILORAMO, 1999, p. 78). A crença no sobrenatural, também aparece em “histórias sagradas”, contadas em ocasiões especiais como festas religiosas, observando que a religião não é apenas um comportamento mental, envolve instrumentos que dão visibilidade às ações como preces, ofertas e sacrifícios. A relação com a divindade se expressa no ritual, envolvendo “o ser sobre-humano no circuito de dons e de intercâmbios ou estabelece com ele um pacto, uma comunhão de interesses, uma solidariedade ou até, na forma extrema de ‘comunhão’, uma identificação” (1999, p. 77).

A Pia União das Filhas de Maria representa um exemplo dessa intensa relação

com o sagrado. Tomaram a iniciativa de encaminhar um documento a Dom Frederico Costa, segundo Bispo de Manaus, demonstrando preocupação com a moral e os bons costumes. Diante das bruscas transformações modernas, elas parecem assumir a responsabilidade, como que dispostas ao sacrifício para o bem maior, acreditando que “o meio mais eficaz a impedir tão grande mal será sem dúvida, a união de todas as boas vontades vinculadas pela fé sob o patrocínio da Imaculada Virgem Maria Mãe de Jesus, protótipo da mulher forte e o mais perfeito modelo da mãe cristã” (Requerimento de solicitação de criação da Pia União das Filhas de Maria, 2 de abril de 1913). Enquanto associadas, as moças permaneciam castas, e atuavam na catequese, na liturgia e no auxílio às outras associações religiosas.

O grupo de moças, com o apoio e orientação do cônego João Dias Bento da Cunha, no requerimento ao Bispo, expressam preocupação com os ataques das “ideias perniciosas e doutrinas subversivas da piedade e virtude cristã”. Demonstram consciência dos seus deveres, convictas de que a obra parece ser a mais adequada “fim tão nobre de tão alcance social”. Encantado com as moças, Dom Frederico recebeu o documento e logo respondeu. No dia 7 de abril de 1913 foi emitido o Decreto Episcopal, instituindo canonicamente a Pia União das Filhas de Maria na Catedral de Manaus:

[...] atendendo ao nobre sentimento de piedade e religião de que são animadas, com o louvável intuito de serem espelhos de virtude no meio social em que vivemos, procurando para isso o forte amparo e proteção da Virgem Imaculada Mãe de Deus – Havemos por bem declarar ereta e canonicamente instituída, na Nossa Igreja Catedral a Pia União das Filhas de Maria, mandando que o mais breve possível se faça a agregação canônica a Prima Primaria de Roma. (Portaria de Ereção Canônica da Pia União das Filhas de Maria, 7 de abril de 2013)

As Filhas de Maria estavam respondendo aos anseios da Igreja, demonstraram maturidade e “compreensão quanto às necessidades de uma interiorização da fé católica, a ponto de serem merecedoras de receber indulgências” (MACIEL, 2014, p.264). Na portaria de criação foram concedidos 50 dias de indulgências “às *piedosas senhoritas fundadoras, cada vez que se reunirem em comum para honrarem a Santíssima Virgem implorando para elas todas as bênçãos do céu*”. Na relação com o sagrado, a indulgência ocupa um lugar especial na vida dos católicos, de aproximação com Deus. O imaginário religioso encontra na liturgia e no direito canônico conformidade, abrindo possibilidades à ação do laicato renovando sua vida religiosa o que lhe dá novo ânimo para realizar com doação os serviços que a Igreja necessita. Obter indulgência é receber a “remissão de uma pena ou de uma penitência” (LEMAITRE, 1999, p. 160). Mas ao recebê-la não se está isento, deve-se oferecer alguma forma de reparação, pela expiação dos pecados.

Devido aos abusos cometidos, o Concílio de Trento “condenou o tráfico

financeiro, mas manteve a validade da indulgência” (1999, 160), permanecendo como prática as “visitas a certos santuários, a oração e os gestos acompanhados do esforço de conversão daquele que quer ganhar a indulgência”. Com a romanização, a Igreja procurou reforçar a disciplina ao estimular as devoções que ela permitisse. A concessão de indulgências é então, nesse contexto um desses estímulos. “A atitude das Filhas de Maria foi considerada um gesto concreto, quando se colocaram receptivas aos anseios e diretrizes romanizantes” (MACIEL, 2014, p. 265). Elas se apresentaram como portadoras de devoção corajosa e vivência cristã, atitude de resposta de um movimento peculiar, conduzido por moças.

A Diocese de Manaus estava colocando em prática as diretrizes da Santa Sé, mostrando empenho na manutenção e disseminação da fé católica, instituindo movimentos que atendessem ao projeto romanizante. Permitindo e motivando novas associações católicas constitui uma estratégia de adaptação “da Igreja ao longo dos séculos e uma das formas de dar respostas aos tempos modernos” (2014, p. 265). A maior participação da juventude era algo almejado pela Igreja, agora, não era esperado somente dos mais velhos o empenho espiritual. A Pia União buscava conduzir suas Filhas para renovação de espiritualidade constante, tendo como modelo a Imaculada Conceição, exercendo forte atração sobre as jovens católicas para abraçarem o projeto de vida cristã.

Um movimento como a Pia União representa a renovação no laicato promovida pela romanização, com o intuito de enraizar o Catolicismo, fortalecendo-o em meio à juventude, que passa a ser instrumento com grande potencial de agregação no meio social. As jovens fundadoras procediam de famílias ilustres, o que nos revela a aliança entre a Igreja com as famílias consolidadas e tradicionalmente católicas, fortalecendo-a em uma cidade que passava por bruscas transformações. A crise da borracha ainda não se efetivara, Manaus vivia a algumas décadas a euforia da economia gomífera, e os laços entre elite eclesiástica e elite nativa representava benesses para os dois lados.

Estabelecer laços “com a elite nativa faz parte da capacidade adaptativa da Igreja, que se apresenta como um conjunto de estratégias, que vão desde a criação de associações como através de articulações com os grupos dirigentes da cidade” (MACIEL, 2014, p.266). As famílias também se empenhavam no envolvimento de suas filhas com os projetos de vida cristã, canalizando o vigor das jovens para o campo espiritual. Encontramos às vezes em uma mesma família duas ou três moças como Filhas de Maria.

As fundadoras da Pia União das Filhas de Maria eram jovens senhoritas, que tinham em média de 18 a 26 anos no momento da fundação, aparecendo nos registros uma de apenas 14 anos (Livro de Inscrição das Filhas de Maria, 1913-1919). Eram exatamente 12 quando a associação foi erigida, número simbólico que expressa o

apostolado ali iniciado e que almejava grandes obras. Pela portaria, Dom Frederico estabelece que a Pia União teria por diretor o cônego Bento da Cunha, e dirigindo-se às Filhas de Maria diz que deveriam ser “espelhos de virtude no seio social em que vivemos, procurando para isso forte amparo e proteção da Virgem Imaculada Mãe de Deus” (Portaria de Ereção Canônica da Pia União das Filhas de Maria, 7 de abril de 1913). Neste artigo trabalharemos apenas o ano de 1913, mostrando o desenvolvimento da Pia União em Manaus, descrevendo um pouco o cotidiano de suas atividades.

No dia 1º de maio de 1913, houve missa e comunhão geral pela manhã, e pela tarde solenidade presidida por Dom Frederico, onde as moças receberam as insígnias e os diplomas da Pia União das Filhas de Maria. Estavam em traje oficial: vestido branco, véu branco e fita azul. Na primeira reunião oficial, se definiu que haveria uma presidente, uma vice-presidente, uma secretária, uma tesoureira; e que a reunião seria no primeiro sábado de cada mês às três da tarde, sendo realizada no dia seguinte a comunhão geral na missa às sete da manhã. A reunião seria sempre iniciada e terminada com as orações do manual. O cônego lhes pediu que fossem sempre unidas “pelo amor de tão boa Mãe” (Ata de 10 de maio de 1913).

O mês de maio prosseguiu com intensa dedicação à Virgem, com celebrações e encontros com a presença das moças, sempre com seus trajes e insígnias. O mês foi encerrado com a procissão da Virgem acompanhada por “uma imensa multidão de fiéis, associações católicas, colégios e vários grupos escolares” (Livro Tombo, abril de 1913). Em junho, as moças já se encontravam envolvidas com a festa do Sagrado Coração, em união com as zeladoras do Apostolado da Oração, prepararam um grande momento de devoção. Nesse mês, iniciaram suas atividades de ensino da catequese. Em julho, o cônego pediu que as Filhas de Maria comungassem com frequência, de preferência cotidianamente (Ata de 5 de julho de 1913).

No mês de agosto aparece uma surpresa para as Filhas de Maria, o próprio Bispo foi presidir a reunião, e as aconselhou que praticassem a humildade e a simplicidade, lembrando que Maria “é a muleta de Deus”, e, que elas “devem ser espelho de cristal onde todas devem se mirar”. Pediu que fossem modelo para as outras congregações, dizendo que “uma Filha de Maria deve ser humilde, simples, piedosa, ao mesmo tempo forte, corajosa, imitando em tudo sua Mãe Imaculada”. Ao final o diretor pediu zelo no ensino da catequese e que no dia 8 de dezembro, no grande dia da Imaculada Conceição, houvesse uma numerosa Primeira Comunhão (Ata de 2 de agosto de 1913).

Nas reuniões regulares havia sempre um tema a ser trabalhado pelo diretor, que conduzia a orientação espiritual das moças. Setembro foi dedicado à reflexão das dores de Maria, sendo pedido às moças que amassem a Maria e a Deus, e que com fé obteriam resignação diante das dores da vida. A reunião foi finalizada

com a solicitação de que as crianças da catequese fossem preparadas para serem consagradas ao coração de Maria, e elas como instrumentos, as levariam ao seu Filho (Ata de 6 de setembro de 1913).

O mês de outubro, dedicado à Nossa Senhora do Rosário, o tema escolhido foi a moda. As jovens foram exortadas a vestirem-se com modéstia, imitando a Virgem Imaculada e os santos que se “trajavam com toda simplicidade e candura”. Se há uma exortação, não significa um simples lembrete de comportamento, e sim uma advertência. Foi-lhes solicitado a rezar do terço diariamente, a propagarem a devoção ao Rosário e a fazer pequenos sacrifícios. Destaque especial para a honra com que foram agraciadas, passando a fazer parte da Prima Primária de Roma “lucrando todas as indulgências concedidas às Pias Uniões” (Ata de 4 de outubro de 1913).

O mês transcorreu, e a Pia União auxiliou a Irmandade do Santíssimo, com a reza do terço e a exposição do Santíssimo Sacramento, ficando responsáveis, também, pelo coro na celebração. A partir daqui se percebe o aparecimento de outro desdobramento de suas funções, a preparação das crianças para a liturgia, assumindo a condução da Associação dos Santos Anjos, solicitada pelo cônego Bento da Cunha e instituída a 2 de outubro de 1913 (A REAÇÃO, 1946, p. 85).

Os preparativos para o mês de dezembro foram iniciados na reunião extraordinária de outubro, com organização de comissões para arrecadação de prendas junto ao comércio. A Comunhão seria realizada na véspera, no dia 8 aconteceria a recepção das novas Filhas de Maria, que foram avaliadas previamente pelo diretor e pelas Filhas de Maria. Também deveriam ser preparadas a novena e a quermesse (Ata de 27 de outubro de 1913). Assim, no dia 7 de dezembro 142 crianças receberam a Primeira Comunhão, e no dia 8, ocorreu a missa pela manhã com a entrega de insígnias e diplomas para as novas Filhas de Maria, e 184 pobres foram assistidos. A procissão saiu às quatro da tarde “tomando parte grandes elementos oficiais, associações católicas, colégios e grande multidão de fiéis” (Livro Tombo de 1913).

Na reunião de avaliação dos festejos, o tema escolhido para reflexão foi o da pureza e virtude de Maria, pedindo o diretor que “todas as Filhas de Maria devem esforçar-se por adquirir, imitando assim sua Mãe Imaculada”. O Cônego aconselhou que deveriam trocar os romances pela leitura do Evangelho, e exortando-as, proibiu de frequentarem bailes de carnaval, sob pena de serem riscadas da Pia União (Ata de 3 de janeiro de 2014). Esse grupo de moças nos pareceu numa busca constante pelo aprimoramento espiritual. Estavam envolvidas em inúmeras atividades ligadas diretamente à sua função ou em outras que lhes foram delegadas ao longo dos anos que se seguiram. Consegui mapeá-las até o início da década de 1950. viviam em função da Igreja, permanecendo solteiras, a castidade era sua grande virtude. As

que se casavam deixavam o grupo.

Destacarei aqui algumas delas. Maria de Miranda Leão tinha 26 anos na ocasião da fundação, presidiu a Pia União de 1913 a 1940, voltando a dirigi-la de 1942 a 1951. Ela também esteve inserida em outros projetos sociais, como as Damas de Caridade, que dedicava especial atenção aos doentes. Acompanhou o movimento pelo sufrágio feminino no Brasil, tornando-se uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), seção Amazonas em 18 de dezembro de 1932. Ajudou a organizar atividades de sensibilização das mulheres para o alistamento eleitoral, participando de todos os eventos promovidos pela FBPF na década de 1930 (SCHUMANHER, 2000, p.). Foi eleita, em 1935, deputada estadual, ficou conhecida pelo título de mãezinha, considerada a primeira assistente social do Amazonas (CAMPOS, 2010, p. 127).

Dois aspectos pareceram reveladores da espiritualidade almejada. A primeira situação é a resignação diante da morte. Henedina, falecida em 1914, e Rosalina, falecida em 1925, que contraíram tuberculose, e diante do sofrimento e da morte, confortaram as famílias diante do inevitável. Henedina, deixou por escrito seu voto de perpétua virgindade, em forma de poesia ‘amar e sofrer’. Na certeza de uma vida de entrega, em meio ao choro e a esperança do céu, as Filhas de Maria entoaram ‘Com Minha Mãe Estarei’, na despedida definitiva desta vida (Livro de Inscrição das Filhas de Maria, 1913-1919).

O outro aspecto está associado ao seu carisma principal, doação de corpo e alma, tendo sempre por modelo a Virgem Imaculada. Elas pareciam querer mais, e para tanto era necessário a entrega total, e assim algumas responderam ao chamado dando outro passo: Ida, a mais nova das fundadoras, entrou no noviciado em 1920, na Congregação de Santa Doroteia, sempre “cumpridora assídua dos deveres de Filha de Maria, era o exemplo de suas irmãs espirituais”. Izabel, ingressou na Congregação do Bom Pastor em 1928, na Bahia, após os votos definitivos foi enviada para Portugal. Luiza ingressou na Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora em 1932, e fez os votos perpétuos em 1938. (Livro de Inscrição das Filhas de Maria, 1913-1919)

Ao longo das décadas que se seguiram, a Pia União se expandiu pela Diocese de Manaus, funcionando como uma verdadeira congregação, exigindo disciplina e formação de todas as suas agregadas. As moças que desejassem ingressar na associação, eram classificadas inicialmente como pretendentes, depois passavam por um período de aspirantado, com duração de pelo menos 6 meses, recebendo a formação adequada e todas as informações sobre as atividades que iriam desenvolver. Eram, assim, instruídas adequadamente para assumirem o grande compromisso de serem Filhas de Maria. E no dia da grande solenidade, as insígnias e os diplomas eram o grande símbolo de um voto de entrega, prometendo estarem sempre com a



Virgem Imaculada.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Lucelia de. “**O dogma não muda, mas debes vivê-lo no dia de hoje e não no de ontem**”: Tempo, Modernidade e Tradição na pauta das Filhas de Maria (1915-1965). III Seminário de História Nacional e História Contemporânea – Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos. Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato-CE, 2018.

BRION, Ioneide Maria Piffano. **As Filhas de Maria: uma história social da Pia União**. Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora, 2009.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas. **Trabalho e Emancipação**: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940). Manaus: UFAM, Dissertação de Mestrado, 2010.

COSTA, Heloisa Lara Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

FIROLAMO, Giovanni. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulos, 1999.

LE GOFF, Jacques. **Em Busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LEMAITRE, Nicole; QUINSON, Marie-Thérèse e SOT, Veronique. **Dicionário Cultural do Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 1999.

MACIEL, Elisângela. “**Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal**”: a diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). 2014.

MURAD, Afonso Tadeu. **Maria, toda de Deus e tão humana**: compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos**: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIO IX. *Ineffabilis Deus*. 1854. In: **Documentos da Igreja**. Paulos, 1999.

PIO IX. *Ubi Primum Nullis*. 1849. In: **Documentos da Igreja**. Paulos, 1999.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. **Vida e morte no Amazonas**. São Paulo: Loyola, 1991.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. 1952.

SCHUMANHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulus, 2010.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **O Processo de Reforma e Reorganização da Igreja no Brasil**. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ariano suassuna 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164  
Armando de salles oliveira 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 192  
Arte sacra 246, 253, 255  
Assentamento 337, 351, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 362

### B

Bíblia 211, 215, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297  
Biografia 166, 178, 200, 219, 233, 235, 241, 243, 244, 299, 330, 331, 332

### C

Consciência histórica 19, 47, 50, 51, 106, 108, 109, 110, 115, 117, 134, 135, 138, 166, 172, 173  
Contestado 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140  
Cotas 181, 182, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 203, 205, 206  
Cultura 7, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 26, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 61, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 95, 103, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 184, 185, 187, 190, 192, 194, 196, 202, 203, 204, 216, 220, 236, 245, 261, 270, 277, 280, 281, 289, 290, 297, 299, 306, 307, 320, 321, 322, 323, 326, 328, 329, 343, 344, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 363, 366, 368, 369, 371, 374, 375, 376  
Cultura política 270, 299, 306, 307, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 376  
Currículo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 37, 43, 47, 49, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 77, 79, 80, 96, 104, 107, 111, 120, 121, 122, 194

### D

Diocese 102, 246, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 264, 266, 269, 270  
Discurso 4, 5, 15, 24, 31, 49, 78, 102, 124, 128, 129, 153, 155, 180, 183, 186, 187, 233, 238, 239, 241, 243, 255, 256, 274, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 314, 315, 317, 375

### E

Educação infantil 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 107, 206  
Educação patrimonial 80, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 332  
Egito 156, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319  
Ensino das ciências 53, 54, 58, 62, 67  
Ensino de história 1, 2, 12, 15, 19, 24, 37, 39, 44, 49, 51, 68, 91, 92, 99, 103, 106, 108, 117, 118, 119, 124, 129, 130, 153, 171, 172, 177, 179  
Ensino fundamental 14, 15, 16, 21, 44, 70, 75, 93, 102, 104, 107, 118, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 138, 139  
Ensino médio 75, 123, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 152  
Escravidão 5, 7, 9, 31, 43, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 201, 346, 376  
Etnografia 47, 216, 332



## F

Folclore 14, 164, 321, 322, 328

Formação de professores 54, 55, 68, 76, 79, 106, 107, 108, 109, 178, 179

## H

Hagiografia 214, 233, 236

História da educação 54, 68, 130, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 192, 194

História indígena 35, 37, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51

## I

Igreja 87, 92, 100, 148, 199, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 282, 289, 290, 291, 292, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 322, 343, 347

Interdisciplinaridade 19, 141, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 178

Iphan 90, 105, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339

## J

José de anchieta 225, 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 244

## L

Lei federal 14, 69, 70, 72, 78

Leitura 1, 2, 3, 24, 29, 62, 113, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 128, 156, 160, 174, 231, 268, 272, 277, 282, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 306, 340, 345, 360

Livros didáticos 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 59, 63, 66, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 146

## M

Manaus 26, 35, 36, 258, 259, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375

Mártir 43, 208, 209, 214, 216, 217, 218, 219, 263

Memória 1, 2, 10, 13, 14, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 42, 50, 51, 52, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 112, 124, 130, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 151, 152, 155, 167, 172, 179, 219, 228, 231, 235, 237, 276, 300, 307, 308, 310, 318, 319, 331, 362, 371, 376

Murais 18, 246, 247, 248, 253, 256, 257

## N

Negritude 1

## O

Ordens religiosas 236, 237, 240, 243, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283

## P

Paraíba 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 104, 156, 160, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308  
Patrimônio cultural 80, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 103, 104, 256, 330, 332, 338  
Patrimônio histórico 80, 83, 87, 89, 90, 330, 335  
Paulo bourroul 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67  
Pensamento educacional 154  
Pensamento social brasileiro 321, 326, 328  
Pinturas históricas 118, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129  
Política 14, 17, 21, 23, 36, 42, 48, 49, 56, 59, 68, 80, 105, 119, 121, 122, 129, 135, 155, 156, 160, 161, 171, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 207, 233, 240, 241, 242, 243, 247, 261, 270, 285, 288, 289, 291, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 320, 325, 335, 340, 342, 343, 344, 349, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 373, 374, 376  
Políticas afirmativas 21, 22, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206  
Porto seguro 103, 126, 128, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231  
Portugal 97, 178, 208, 214, 219, 223, 227, 229, 232, 245, 269, 271, 272, 274, 281, 282, 283, 323, 324, 325, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350  
Profhstória 37, 91

## R

Rap 363, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 373, 374, 375  
Religião 5, 19, 73, 102, 175, 209, 210, 212, 215, 245, 264, 265, 272, 274, 282, 298, 302, 303, 313

## S

Sala de aula 2, 12, 14, 20, 22, 40, 45, 49, 65, 91, 93, 95, 109, 118, 121, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 139, 161, 163, 168, 176, 177, 339  
Santo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 100, 101, 102, 118, 164, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 236, 239, 244, 248, 251, 252, 259, 276, 277, 281, 301, 343, 371

## T

Teatro 19, 51, 87, 154, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 180, 183, 262, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 369

## U

Universidades 39, 162, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 192, 194, 196, 197, 198, 200, 205, 285, 305

## Z

Zumbi dos palmares 87, 351, 353, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**